

O ABC DA ECOLOGIA - O CORDEL NA ARTE PELA VIDA

Lilásia Chaves de Arêa Leão Reinaldo¹
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO:

Este artigo dedica-se a uma leitura analítica aos interessados em poesia de cordel, em especial aos profissionais que atuam no ensino fundamental, oferecendo-lhes uma mescla da abordagem temática da ecologia com o universo da cultura e da poesia. Como objeto de estudo, o livro *ABC da Ecologia*, do autor piauiense Cineas Santos², apresenta-se estruturado a partir de uma espécie de cartilha composta por verbetes informativos acerca dos animais brasileiros em extinção ou em risco de extinção. O alfabeto ecológico é apresentado em estrofes de seis versos metrificadas em redondilhas, cujas rimas ritmadas na tradição do cordel perfazem, no seu conjunto, um livro que ao mesmo tempo insere o educando no universo da cultura do cordel, da musicalidade, ritmo e da função social da poesia. As espécies animais são apresentadas da letra A a Z e os correspondentes verbetes informativos são ilustrados por imagens concebidas artisticamente. Como aporte teórico metodológico para o estudo analítico, adotaremos as idéias de José Guilherme Merquior, Antonio Cândido e Hans Robert Jauss, em especial no que dizem em relação ao entendimento do leitor como parte do processo de construção do texto e formação do sistema literário.

Palavras-chave: poesia, cordel, ecologia.

Alguns estudiosos, dentre eles o filósofo alemão Georg Hegel, o teórico canadense Marshall McLuhan e o também filósofo alemão Theodor Adorno concebem, no bojo dos seus estudos e teorias, que há um “espírito do tempo” ou *Zeitgeist*, termo que foi cunhado no idioma alemão e que significa, em suma, o sentimento que emerge numa espécie de simultaneidade e perfaz o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, em determinada época, ou mesmo as características que identificam um determinado período de tempo e que mudam conforme o ritmo das sociedades humanas. Com esse olhar, sabe-se que houve um tempo em que os trovadores dedicavam seus versos, em especial, às tradicionais cantigas de amor, de amigo e de maldizer, dentre outras finalidades. Posteriormente, vieram outros

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, atualmente sem vínculo institucional.

² Cineas Santos, nascido no sertão piauiense, sempre foi um ser humano preocupado com as questões as quais considera as mais importantes para a sociedade: educação e cidadania, arte ao alcance de todos, valorização da história, patrimônio da cidade e suas tradições, preservação da natureza, (em especial a causa da conservação e reposição das árvores), numa síntese, um cidadão que se poderia dizer, respira e incentiva o respeito à vida. Ser humano múltiplo, em todas as suas faces de cidadão co-responsável pelo nosso mundo, como professor, educador, poeta, cronista, produtor cultural, ficcionista, dentre outras atividades, Cineas é um eterno preocupado em apresentar contribuições, apontar soluções e incentivar o olhar dos “desatentos” para as causas realmente importantes para a humanidade.

tempos que receberam designações como Iluminação, Renascimento e depois a Modernidade que se espalhou de várias formas, perspectivas e concepções, ao longo de tempos e espaços no mundo. Com esses pressupostos em mente, observa-se que a “poesia de cordel” dedicou-se a inumeráveis motivos das sociedades, desde os temas políticos a histórias comoventes versificadas a partir de fatos reais ou críticas às questões da realidade em geral. Atualmente, na segunda década do séc. XXI, o comentado “espírito do tempo” mal consegue ser vislumbrado e muito menos definido, em virtude da fragmentação da realidade, pulverizada em todos os setores do conhecimento e da realidade humana. Do ponto de vista do senso comum, grosso modo, presencia-se a uma “maquinização-digital-global”, em que a maioria das pessoas, voltam-se para si mesmas e tornam-se significativamente indiferentes à realidade em que se inserem. Desta forma, enquanto as invenções tecnológicas avançam para um mundo progressivamente mais virtual, em paralelo, constrói-se a necessidade de que se estabeleçam vínculos com a realidade – essa quase esquecida “vida verdadeira”. Portanto, a partir das ideias promovidas pelo livro, tais “conexões” com o mundo real se fazem urgentes e indispensáveis. Em sala de aula, tem-se espaço e condições propícios à abordagem das causas mais caras à humanidade e que podem ser motivo de leituras interessadas e reveladoras de atitudes éticas e cidadãs, que por sua vez podem desencadear a formação de leitores sujeitos diante da realidade, cidadãos “letrados” no seu universo e cotidianidade. A idéia de “letramento”³ perpassa esta leitura na medida em que a temática versejada no cordel em análise, além de trazer um aspecto da realidade, acerca do qual muitos se esquivam, propõe-se a desencadear um processo de “adoção” de idéias, enquanto atitude coletiva cidadã que irá agir na transformação interna dos sujeitos que se apropriam do saber e a partir dele despertam para envolvimento nas práticas sociais das quais se tornam atores, por meio da escrita ou de outras ações.

Diante dos cenários construídos pelos versos, provocadores de uma quase “desrealização” do mundo contemporâneo, àqueles leitores que ainda observam e entendem esse mundo como um grande sistema ecológico interdependente e ameaçado pela devastação e pelo descaso, cabe a tarefa heróica de manter ou mesmo estabelecer “elos com a realidade que de fato lhes importa”.

José Guilherme Merquior, na Memoranda do seu livro *A astúcia da mimese – ensaios sobre lírica* (1997, p.11), inicia os seus estudos afirmando que “o autor compõe, o público se

³ Conforme Luiz Antonio Marcuschi, o letramento que se manifesta por meio da escrita “se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno” (2001, p.16)

interpõe, a crítica decompõe – mas a obra dispõe. O sentido da arte transcende todas as suas interpretações; no entanto inexistente fora delas”. Desta forma entende-se que, em outras palavras, os pensamentos de Merquior correspondem à compreensão da literatura como sistema, nos termos preconizados por Antonio Candido, ao afirmar que, para a existência da literatura, deve-se considerar a importância do autor, da obra e do leitor, que juntos conformam o necessário para que exista um sistema literário. Nessa mesma trilha de entendimento das artes literárias, Hans Robert Jauss, no livro *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1984), conhecida como Estética da Recepção, propõe que para que a literatura se realize, é necessário que seja considerada a participação efetiva do leitor que faz a recepção da obra, em especial um tipo de leitor - um grande leitor especializado - que faça uma leitura atenta, nas várias camadas sensíveis do poema, ouvindo-o, lendo-o, sentindo-o à medida em que “à semelhança de um instrumentista que executa sua partitura” também se torna um interprete da peça literária. A partir da “recepção” da obra, o leitor pode vir a identificar mudanças nos chamados “horizontes de expectativa” de uma determinada obra, caso ela ofereça algo de novo aos leitores, rompendo com modelos já conhecidos ou comumente esperados.

Na antiguidade, houve quem escrevesse versos sobre as conquistas épicas, as tragédias, as comédias, tempos de luta pelos ideais, ou mesmo o desejo de autonomia no amor, a presença, reconhecimento ou ainda reflexões sobre a morte ou qualquer outro aspecto da vida. Por meio da arte, o mundo conheceu e conhece as sociedades, seus conceitos, seus avanços ao longo das eras. Os temas foram se alternando nas representações humanas ao longo das épocas.

Desde os tempos da tradição oral da poesia, já experimentada pelos antigos e depois vivenciada pelos trovadores cujos versos eram conhecidos por meio de canções entoadas ao som da lira ou outros instrumentos musicais, as artes foram suporte de expressão do mundo. Mais adiante, com a invenção da imprensa e com a emergência da burguesia e das lutas revolucionárias pelos ideais franceses de liberdade, fraternidade e igualdade, muitos escritores e poetas se manifestaram por meio das suas obras, como vozes da sociedade do seu tempo, quando representaram seus mundos poeticamente ou ficcionalmente.

Nos termos propostos por Hans Robert Jauss, neste estudo, realiza-se uma recepção destes versos que se oferecem na forma de um poema de cordel, impregnado pelas causas que preocupam às sociedades e mesmo toda a humanidade do mundo contemporâneo.

A primeira forte impressão que o *ABC da Ecologia* nos causa, é a de que estamos diante de um apelo inadiável pela vida. Além de arte poética, o *ABC da Ecologia* mostra-se

como um verdadeiro Manifesto pela Vida, em todos os seus aspectos, revelando-se desta forma na sua função social, uma vez que a sobrevivência do planeta é interesse de toda a humanidade e o propósito lírico de alertar sobre o tema, ao que parece, visa fundar bases para novas posições individuais e coletivas diante da realidade e em benefício de toda espécie de vida.

As imagens, diante das quais as estrofes do poema nos colocam, fazem-nos, repentinamente, dar-nos conta de que também somos vulneráveis seres vivos, partes integrantes desse grande organismo vivo chamado Terra - realidade que muitas vezes, perdemos de vista. Logo no início do poema, estamos diante do planeta Terra e somos interpelados a agir antes que ela se cubra de horrores e escuridão:

A
Antes que os céus escureçam
E finde toda beleza,
Antes que a terra se cubra
lixo, morte e tristeza,
Vamos salvar o que resta,
Preservando a natureza.

O poema nos convoca! Todo leitor se sentirá interpelado a ser sujeito e isto se verifica logo partir da primeira estrofe da leitura. Aos mais sensíveis, o encontro com os versos resultará numa inesperada e, talvez, desconhecida angústia. A leitura se impõe em ritmo marcado pelo tom de advertência que se eleva na oralidade dos versos de cordel, com rimas sempre no segundo, quarto e sexto versos. Ao tempo em que clama pela preservação, o poema sugere os meios e os gestos necessários, fazendo com que haja um “crescendo” de estrofes imagéticas:

B
Basta de destruição;
É tempo de construir:
Lançar no chão a semente,
Ver nascer, crescer, florir,
Colher os frutos depois
E com o irmão dividir.

Na sequência das estrofes, cuidadosamente rimadas e medidas em redondilhas, deparamo-nos com o processo de destruição em que se encontra o planeta: os versos nos trazem as cenas de devastação das florestas com suas árvores irresponsavelmente cortadas pelo elemento homem. A imagem das árvores sacrificadas, levando embora o verde, é estampada. Faz-se um cenário de catástrofe iminente, afinal, com o “abatimento” delas, corre perigo, também, o precioso oxigênio vital. E as imagens adicionam mais informações:

C

Cada árvore derrubada,
Seja no vale ou na serra,
É uma vida que se extingue,
É um ciclo que se encerra;
É mais tristeza no mundo,
É menos verde na terra.

D

Destruir e corromper
Sem refletir, sem pensar;
Romper a teia ecológica
(Cada coisa em seu lugar)
É atentar contra a vida
É uma loucura sem par.

E

Exterminar, destruir
São os verbos mais usados;
Corromper, adulterar
São igualmente empregados;
Defender e preservar
Quase nunca são lembrados.

As três estrofes são calculadamente elaboradas com verbos de natureza destrutiva: derrubar, extinguir, encerrar, destruir, corromper e adulterar. Desta forma, o leitor é levado a concluir que os verbos “defender e preservar” são pouco praticados e, portanto, necessitam de uma atitude em defesa da natureza:

F

Falar apenas não basta;
É preciso agir, lutar:
Conjugar com mais frequência
Os verbos viver e amar;
Usar as mãos que destroem
Pra construir, preservar.

Intrincados nos versos estão os convites à reflexão: porque destruir e, mais ainda, por que ignorar que a cadeia ecológica se rompe a cada árvore derrubada ou quando qualquer outro ser vivente é eliminado? O poema provoca uma espécie de emergir da consciência primordial para a realidade: enumera os verbos que lideram o processo de destruição (destruir, corromper, adulterar, derrubar...) E logo em seguida, os versos asseveram que não adianta apenas lembrar ou concordar, mas, o que vai ter importância e servir para mudar alguma coisa dessa realidade é a opção por agir em favor da vida e contra o processo destrutivo que, apesar de quase invisível nas nossas rotinas, se faz avassalador. E os verbos se elevam no sentido mais construtivo: agir, lutar, conjugar os verbos viver e amar, construir e preservar.

G

Gravem isso na memória:
As gerações que virão,
Por crimes que cometermos,
Alto preço pagarão,
E podem crer, estou certo,
Nunca nos perdoarão.

Após convocar para o agir, as estrofes lembram que a luta em favor da ecologia é também uma atitude em prol das novas gerações e que não devemos pensar somente no momento presente. Os versos apregoam que estão ocorrendo crimes e que no futuro, seremos todos culpados e não seremos perdoados pelas futuras gerações. Destacam-se as palavras: crime, preço, “nunca perdoarão”.

H

Haverá razões de sobra
Para sermos odiados:
Por ação, por omissão,
Todos nós somos culpados,
E no tribunal da história,
Nós seremos condenados.

Nesta estrofe mostra-se o cenário alegórico de um “tribunal da história” que levará a julgamento as nossas ações e omissões, que no futuro serão motivo de ódio e condenação. Assim, vê-se que um aspecto que o poema enfatiza é que a omissão também é crime e que o comodismo do “não agir” também nos fazem culpados diante do futuro dos nossos filhos, dos nossos sucedâneos nos tempos que virão.

I

Insensatez é matar
O que a Natureza criou;
Insensatos temos sido
Quando agimos com furor,
Destruindo e corrompendo
A obra do Criador.

Letra por letra do alfabeto, as estrofes iniciam reiterativas de que a destruição da vida no planeta é atitude insana contra a obra perfeita do Criador e que as ações destrutivas dos humanos são o único motivo da degradação da terra. Mas, em meio às advertências contundentes, o eu lírico permite que o leitor perceba que existe um sentimento maior, que é o Amor, e que tudo de bom que há na Terra fez-se a partir desse sentimento construtivo. Portanto, sugere o eu lírico, que é por meio da elevação desse poderoso sentimento humano denominado Amor, que se encontra a chave para que as sociedades humanas tentem reverter esse processo predatório e depredatório.

J

Jamais esquecer que a vida
Se faz a partir do amor,
Tudo o que há sobre a Terra
Foi assim que se criou,
Seja um homem, uma larva;
Um rio, o mar, uma flor...

Percebe-se que, grão por grão, letra por letra, verbo por verbo, uma espécie de gênese da vida surge no poema: a essência vital dos rios, das larvas, das flores... Estes quadros de soerguimento do cenário vivo, após as imagens de devastação, trazem ao leitor algum alento e o sentimento de esperança:

L
Lado a lado, amor e vida:
Novas vidas vão surgindo;
É o amor gerando a vida
E a vida se conduzindo
Pelos caminhos do amor,
E o ciclo se repetindo.

Com novo fôlego e respirando fundo, o leitor, agora diante dos dois lados da realidade vivenciada na Terra, tem a sensação de presenciar as ações benéficas do Amor que gera o bem e gera a vida enquanto que as ações destrutivas e omissões desfazem tudo. Em um ritmo intenso, levados para observar os cenários cíclicos da vida, os leitores presenciam a ação da Natureza, origem de tudo e diante da qual, respeitosamente, percebe-se que dela partem o equilíbrio, a pureza, a harmonia.

M
Muito temos de aprender
Com a própria Natureza
Que está na origem de tudo
Fonte de toda pureza,
Onde a vida se harmoniza
Com equilíbrio e beleza.

Entende-se que, para não perder o foco no projeto de conscientizar ecologicamente os pequenos leitores, o eu lírico do poema retoma aos aspectos do apelo dramático em favor da vida e contra a destruição insana e egoísta! Em paralelo, mostram-se as nossas atitudes egoístas e as ações grandiosas da Natureza. De um lado, os danos por nós causados, e do outro, a Natureza agindo ininterruptamente, tentando reparar os danos causados: se queimamos, a chuva molha, se cortamos, ela faz brotar.

N
Nada há que se compare,

Em pujança e em nobreza,
Ao espetáculo da vida
Com toda a sua grandeza,
Que provém do amor infindo
Da nossa mãe Natureza.

Nesta leitura, propõe-se que a gigantesca Natureza, de certa forma personificada no poema, observa nossos atos insanos e, incansável, refaz muito daquilo que bicho homem desfaz. Seguem-se lamentos pela vocação “suicida” do homem que somente pensa em destruir, sem atinar para o fato de que a Natureza é um sistema do qual ele também faz parte e que, portanto, ao destruí-la, autodestrói-se dia-a-dia. A meio-caminho poético, relatadas as várias faces da questão ecológica, o poema finalmente aborda a temática do medo, quando afirma que nós temos razões para temer sobre o futuro. Os versos alertam para o fato de que, apesar das evidências das “reclamações” da natureza, o homem parece “surdo”, insensível, como se estivesse à parte, imune aos efeitos do desequilíbrio ecológico ou como se não estivesse envolvido nos problemas e muito menos na busca de soluções. Lembra o eu lírico que, a cada gesto destrutivo no presente, serão causados males no futuro.

O
Onde ateamos o fogo
Para queimar, destruir,
Vem a chuva e molha a terra,
Faz a vida ressurgir:
Sempre atenta, a Natureza
Jamais para de intervir.

P
Parece que compreende
Toda a nossa estupidez;
O homem chega e desfaz;
Ela refaz outra vez
É o inesgotável amor
Contra a humana insensatez.

Q
Quanta terra devastada!
Quanta coisa destruída!
O homem jamais descansa
Em sua busca suicida
De destruir com as mãos
Os alicerces da vida.

R
Razões temos pra temer
O que pode estar por vir:
O homem tornou-se perito
No ofício de destruir:

A Natureza reclama,
Mas ninguém parece ouvir.

S
Sujar as águas dos rios,
Fazer da Terra um monturo;
Poluir o mar e o céu
É voo cego, no escuro:
Pode arruinar o presente,
Comprometendo o futuro.

Finalmente, nas cinco últimas estrofes, os pequenos leitores encontrarão as pistas para uma possível reviravolta através de “Uma Corrente de Amor”. Essa grandiosa corrente acena para as possibilidades e para o fato de que devem existir ações para defender a Vida, não apenas uma vida isolada, mas a Grande Vida do planeta e todo o seu ecossistema.

T
Toda e qualquer violência
Precisa ser evitada;
A Natureza reclama:
De sofrer está cansada;
Vamos lutar pela vida
Que deve ser preservada.

Assim, enumeram-se algumas dentre as prioridades pelas quais, nós leitores-cidadãos teremos que lutar, como a limpeza dos rios e dos mares, e primando pela musicalidade e alegria do poema, segue-se que, por via de consequência, buscaremos o direito de rir e de cantar.

U
Uma corrente de amor
Precisa ser construída;
Que seja forte e segura,
Que seja bela e fornida;
uma corrente de todos
Posta a serviço da vida.

Como fecho sonoro, que fica reverberando em nossas cabeças, o poema conclama para que vejamos o quanto é terrível esse rótulo que nós humanos recebemos de “maior predador” e pede que lutemos pela vida, mas não uma vida, como já se disse, mas pela Vida Verdadeira, ou seja, aquela que ainda se encontra construída e ainda é possível reequilibrar-se nesse sistema ecológico que chamamos de Natureza.

V
Vamos lutar por ar puro,
Pela limpeza do mar;
Pelo direito de rir,
Pelo prazer de cantar;

Pela vida verdadeira
Que, na certa, brotará.

X
Xingo mais feio inexistente
Que o de “maior predador”;
É assim que nos comportamos
Quando agimos com furor,
Destruindo e corrompendo
O que a Natureza criou.

Z
Zelar sempre pela vida
Deve ser nossa bandeira.
Basta de destruição!
Chega de fazer besteira!
Vamos lutar pela vida,
Pela vida verdadeira!

Percebe-se que poema *ABC da Ecologia* cativa e envolve os leitores com seus versos que apelam pela “vida verdadeira”, nesse projeto estão associadas as imagens cuidadosamente selecionadas para representar um triste espetáculo. O poema que se impõe fortemente, em ritmo de cordel, além de advertir aos leitores das ameaças cruéis que estão em andamento, importa muito mais porque segue plantando sementes de amor à causa ecológica. A poesia brinca com os sons e com as cores, porém a causa ecológica se eleva e “gota a gota” vai se fazendo destaque no conjunto da peça poética.

Para conhecer o poema, é necessário adentrá-lo e senti-lo, porque ele foi elaborado para ser lido em vários planos: desde as suas letras que propõem o abecedário, aos seus versos e estrofes e mais ainda, a peça poética é complementada por belíssimas ilustrações, artisticamente elaboradas a partir da arte fotográfica, com a delicada desrealização promovida pelas artes plásticas. No belo conjunto que reúne as artes, sente-se o convite a experimentar os grandes Sentimentos - não aqueles mesquinhos e egoístas, mas, os sentimentos grandes e Universais.

Após a leitura completa do poema, indaga-se aos leitores - que nos diz o “espírito do nosso tempo”? Em resposta, pode-se obter, dentre outras tantas coisas, que o mundo está vivendo em ritmo acelerado, que nosso planeta está em desequilíbrio e que o próprio homem é responsável por essa situação, seja por meio das suas atitudes destrutivas, seja pela omissão em relação a elas. Os versos nos lembram de que muitas espécies foram extintas e inúmeras outras se encontram ameaçadas pelo completo desaparecimento. As notícias importantes ecoam ao longe, parecem distantes, em relação aos milhões de informações circulantes.

No *ABC da ecologia*, a motivação para o letramento dos sujeitos leitores se faz por vários ângulos. Por meio do acesso à obra de natureza poética, em que o pequeno leitor terá a oportunidade de, ao ritmo das rimas em versos metrificados em sete sílabas, conforme a tradição do cordel, encontrar a sonoridade das palavras, mas também o sentido mais agudo das verdades expressas em conjuntos estróficos que fazem descortinar cenários com extrema sensibilidade e com palavras precisas abalar os sentidos que estão embotados pelos excessos de poluição sonora, visual e tecnológica. Numa síntese, o poeta busca chamar atenção para as causas inadiáveis na natureza.

Com o *ABC da ecologia*, a cada letra visitada e conhecida, o pequeno leitor entrará em contato com as ilustrações com espécies exemplares do belíssimo universo animal que se encontra em processo de extinção em ritmo assustador e conhecerá muitas das espécies extintas ou em vias de extinção, aguçando seu interesse pela causa preservacionista.

Nesta leitura, propõe-se que os versos de cordel representam, ao mesmo tempo, tradição e contemporaneidade. A tradição mostra-se renovada e prestigiada pela temática em suas sucessivas edições, numa demonstração exemplar de alerta em termos de que a literatura e a cultura são, também, patrimônios a serem preservados pelas sociedades, e que apesar dos avanços de uma tecnologia que se faz a serviço do homem, essas tradições são fundamentais, porque se constituem como alicerces de sustentação dos saberes e da história.

A mensagem transmitida por meio deste longo poema aos leitores crianças, avisa-lhes e adverte-os acerca de que se nos esquecermos da nossa história e tentarmos erguer nosso futuro sem os fundamentos que já foram construídos, estaremos fadados ao fracasso. Por esta razão, o poema conclama a elevarmos nossos pensamento para entender a importância da Natureza no nosso mundo e nos posicionarmos e agirmos em sua defesa e por conseguinte em nossa própria defesa.

Na tecitura dos versos de *ABC da Ecologia*: além do entrosamento das “letras do alfabeto” propositalmente inseridas pelos versos cuidadosamente escritos para alertar e, quem sabe, despertar novos “cidadãos planetários”, preocupados em contribuir com a causa ecológica, há também uma clara preocupação com a qualidade das imagens fotográficas dos animais, artisticamente trabalhadas para o deleite dos pequenos leitores, dessa forma, também incentivados a valorizar as artes. Cada verbete, cada ilustração, cada detalhe foi minuciosamente planejado por Cineas Santos, um poeta daqueles que exercitam o fazer poético para além da poesia, porque vê nas artes um caminho para nos elevarmos pelos sentidos às realidades da nossa complexa existência.

Reitera-se que, no conjunto das suas estrofes e imagens, e o livro traz em si um “grandioso espírito do tempo”, deste tempo em que em à revelia das sociedades humanas, o planeta dá claros sinais de que a vida está gravemente ameaçada e que como parte desse sistema, nós humanos temos que nos oferecer para agir. E ainda que sejam pequenas as nossas contribuições, entende-se que elas podem repercutir e ajudar a definir os nossos rumos como sociedade humana, habitante de um planeta. As artes, a exemplo do que relatamos sobre o passado, na atualidade, também se entregam aos propósitos mais relevantes das sociedades. A prova disso é este livro de Cineas Santos, no qual, sem procurar muito, vê-se que são privilegiadas tantas grandes causas: o universo das artes poéticas em cordel, a valorização da tradição, a divulgação das artes plásticas como caminho atrativo para a “construção” de leitores, e principalmente o desejável “despertar” para as causas preservacionistas. Afinal, a causa ecológica, a menos que haja um grande processo de consciência dos povos e a menos que haja uma sistemática ação global dos governos, continuará sendo o “Calcanhar de Aquiles da Humanidade Terrestre”.

Para alimentar o lado positivo da causa ecológica, os poemas de Cineas, apesar da agudez das denúncias, deixam perceptível a crença na possibilidade de uma saída pela salvação da Natureza, desde que cada um tenha atitudes responsáveis e esteja pronto a agir e a se posicionar pela vida, desde que seja a “Vida Verdadeira”. O eu lírico poético clama, interpela: Vamos lutar, vamos agir, vamos, vamos, vamos! É como se dissesse: Ainda há tempo! Ainda temos alguma chance, desde que você também seja um dos sujeitos ativos, aliados e atuantes em prol desta nossa causa.

O texto poético dispensa maiores comentários porque está planejadamente e abertamente voltado para esses temas que o livro intitula. Ressalte-se a coerência perfeita na argumentação que constrói a peça poética, que gradativamente faz o leitor percorrer os caminhos da Natureza ameaçada, sentir-se parte dela e, assim, sentindo-se ameaçado, por via de consequência sentir-se co-responsável pelo processo, tanto nos seus aspectos negativos destrutivos, quanto nos possíveis aspectos positivos.

A poesia tem esse poder de desdobrar-se em significações e para além do que está exposto nas linhas, mostrar-se especial para cada leitor de uma forma diferente. Assim, cabe a cada leitor apreciar verso a verso, estrofe por estrofe, ilustração por ilustração, sentindo-se como um dos bichos-homem diante do poema, diante dos cenários, e sentindo-se parte da cadeia ecológica que pouco a pouco, ele próprio contribui para “quebrar”. Contudo, como já foi dito, em meio a esses sentimentos que o poema provoca, há também aquele que nos faz repensar. É nesse repensar que, afinal, resulta o acúmulo do conhecimento e a “preciosa” mudança pessoal

do pequeno leitor diante do mundo. Neste livro, as linhas e entrelinhas do poema plantam uma esperança: de que nem tudo está perdido e que podemos seguir adiante, plantando, divulgando esse conhecimento, fazendo “campanha” e elegendo a Vida como prioridade. Desta perspectiva, a sala de aula pode ser espaço para grandes passos e conquistas

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

_____. *O estudo analítico do poema.*/ Antonio Candido. São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MERQUIOR, José Guilherme. *A astúcia da mimese*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

SANTOS, Cineas. *ABC da Ecologia*. Fortaleza: Imeph, 2013.